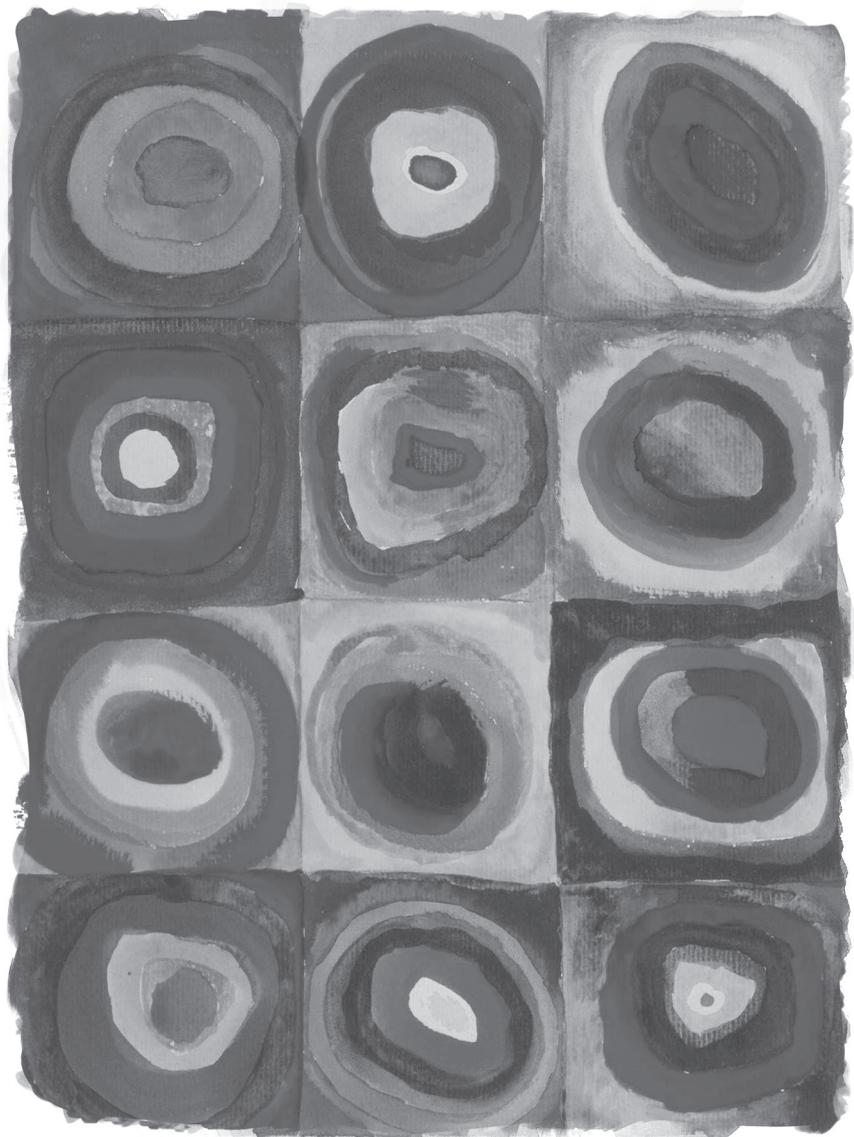


TODOS OS CENTROS DO MUNDO



ANA PAULA SANTOS RODRIGUES

TODOS OS CENTROS DO MUNDO

EDIÇÃO

França & Gorj

REVISÃO

Rodrigo Mendes Franco Belga
Marcos Fabrício Lopes da Silva

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Capadura Design

EDIÇÃO

1ª Edição, 2017

FOTO DA AUTORA

Jéssica Dionísio

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

R696t RODRIGUES, Ana Paula. 1994
Todos os centros do mundo / Ana Paula Rodrigues
Penalux: Guaratinguetá, 2017

88 P. : 20 cm
ISBN 978-85-5833-191-3

1. Poesia 2. Poemas em prosa I. Título

CDD.: B869.1

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura Brasileira



editora
penalux
.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

A reprodução de qualquer
parte desta obra só é
permitida mediante
autorização expressa do
autor e da Editora Penalux.

EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, nº39,
Guaratinguetá, SP, 12500-260

PENSAR COM
os olhos

Os poetas já sabiam há tempos
O que os filósofos ainda procuram.

CAMINHADA *ao entardecer*

Uma caixa, para uma formiga, é um território imenso. Caminho, caminhamos. Observo as ruas de pedras, o mofo nos muros, as paredes descascando. Detalhes.

Sou minha pergunta. Vim ao mundo sem entender nada do que estava acontecendo. Antes de nascer não era nem uma ausência, sequer um pressentimento. As pessoas viviam sem ter nem ideia de que um dia eu viesse a existir, a existir desse jeito, um ponto de interrogação, um espanto, um desânimo, um corpo.

Sou uma pergunta que não pode ser respondida e que um dia será silenciada. Isto porque cada um é uma pergunta que só ele pode fazer, que só ele conhece.

Fico me procurando... o mundo em mim, eu no mundo... É estranho. Essa é a frase que sempre pronuncio, sozinha, observando.

Uma caixa, para uma formiga, é um território enorme. Por isso, quando criança, tinha medo de observar o céu à noite. O céu à noite é algo incomensuravelmente grande, envolve o mundo como se fosse uma mão segurando uma bolinha de gude.

Será que se eu me olhasse muito tempo no espelho, ou me encontrasse com o que eu era há muitos anos, me reconheceria? Será que construo um território em minha mente com o que vejo e que quanto mais se tem os olhos abertos, maior se é? Ou meus átomos realmente se juntaram de uma maneira única que me fez olhar o entardecer desde criança?

Sou minha maior pergunta. Se fosse consciente desde que nasci, meu espanto seria terrível ao ver que existia; talvez eu fosse, pois não me recuperei desse assombro até hoje.

Por que acaso vim parar aqui, ser assim, ser? A lógica da existência não deve ser a mesma lógica humana, ou pior, ela pode não ter lógica alguma.

Ando pelas ruas dessa caixa enorme, com um monte de perguntas perdidas e impressões ininteligíveis penduradas em minhas células que caem a todo instante.

Como alguém pode olhar para uma árvore e simplesmente seguir vivendo? Cada pergunta é um fio solto que não

para de destruir um grande tecido. Será que no final de tantas coisas só há o vazio?

O incompreensível não é a morte, afinal, durante bilhões de anos não existi e se não tivesse existido não faria diferença alguma: O estranho é a vida.

PALAVRA

Não me canso
De sentir e pensar com os olhos

A nitidez destas construções
A exatidão deste limoeiro

O mundo de segredos
Deste céu cinzento

As nuvens levam a cidade
O céu muda de cor

O sentido se inventa

Palavra ,
Úmida de língua,
Sangra essa opressão em signo
E me liberta...

EDITORA

www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

AUTORA

fb.com/anapaula.rodrigues.397
anapsrodrigues1@gmail.com